



Carl Rogers

Tornar-se Pessoa

**Fundamental para quem quer aprofundar
o seu caminho de vida!**

Numa total abertura aos processos de **mudança**,
a pessoa **torna-se**, na sua **consciência**,
aquilo que é – através da **experiência**:
um organismo **integral** e em **pleno** funcionamento.



Carl R. Rogers

TORNAR-SE PESSOA

Tradução MANUEL JOSÉ DO CARMO FERREIRA
E AL VAMAR LAMFARELLJ
Revisão técnica CLA UDIA BERLÍNER

W i u i u

N3629

Martins Fontes

200?

N

/w0u ri fia /rr/r, a Ir, airr/Hir rir rUi r,ie/r, a.?, OS /I/(Ow)!: PLRSO),,r 1/r/,tr., (ir/Ar., O le! , /90/
a,r,eL1 1901 1., (a,1 6 Rr ir
(rpr.,Lrr,r.,nmLrr jcr'ov/, (a,2?? Ri
(... ,Lr'19' 1., 1', ir; 1) K,mrrr, /h ri ri fliri./ri/rrii l'rrLlirar
uni /Jai,ç'/ri,ri 1'li/Ar., (ajli)/jflR
(/ii?rç'lii 1 rrrr.,r (ir., ii., ! rjfl(i / 1, ir:?: 1 ir/ri
Sar/r.,/, 955s-99: /mrr /orr nu rri/ar

1ª edição
ri, /9? 5
5 edição
rir' 997

3ª tiragem

,r'nl,rr rir .79/1/

Res isao teunica e da tradução

(Irurira arl ir.,

Res ao grafita

1.,., (ir., ri rir (flor ar, li, ir/ri uru haia
.5 .a., a 6,r,ri

Produção grafita

(ir ... ,L 1? ,.,

Dados Internacionais de (atalogação na l'ublicação IUPI

(amara Brasileira do Lisro. SP, Brasil)

Rapei s. Cer? R 1990

Tornar se possui Carl R. Rr.ncrs irir/rçrrr Oluiiiiil riso rir.

(urino 1—cêura e Alsanar Luropirelr, ruisuo iecrrrrr Cluuuci.u

l/crime, O cci. Sri., Partir, Murins Fontes, 1997

T,tuir, rurlzmrri: Do heconng a ser sou

Buhlrr.r,ral ir.

ISBN (5 996 059)) ()

AcrirrsçHtrrcuulo 2. Pscrc>ierupir cenirrcir li., c l'rerrie 1. Titulo

II Série

97-176? CDD 616 9914

NLM WM 4211

Índires para catalogo sislemalico:

Psicoterapia cncirricr ruriclicnie 616 9914

lor/ri., rei drua 'irr., doou evççria /i(110 çl 13cr.,)ri'. u'rrru/rr u ri

Livraria Mar(ins Fonte.,' Editora Ltda.

Ruir. C,i,i., /rreur ri Rrmurr/r., 330 340 0/325—000 Sri,' Partiu., SP Brrruil'

Til (11)3241.3677 Fui, (/1)3/056567

r'-.nrri /unfj(a.,rarti,u,f.,uhua.r nau/tu liii?.: nuo.nurrrtu,ruijrrulr'u urrO.),.

Ao leitor

Embora me desagrade um pouco dizê-lo, fui psicoterapeuta (ou “personal counselor”) durante mais de trinta e três anos. Isso significa que, ao longo de um terço de século, tentei ajudar uma ampla amostra da nossa população: crianças, adolescentes e adultos; pessoas com problemas pedagógicos, vocacionais, pessoais e conjugais; indivíduos “normais” - “neuróticos” e “sicóticos” (as aspas indicam que para mim se trata de rótulos enganosos); procurei ajudar as pessoas que me vinham pedir auxílio e as que me eram enviadas; aquelas cujos problemas não tinham importância e aquelas cuja vida se tornara completamente desesperadora e sem futuro. Considero um grande privilégio ter tido a oportunidade de conhecer de uma maneira tão pessoal e tão íntima tal quantidade e diversidade de pessoas.

Além da experiência clínica e da investigação realizada durante esses anos, escrevi vários livros e muitos artigos. Os artigos contidos neste volume/oram escolhidos entre aqueles que escrevi durante os últimos dez anos, de 1951 a 1961. Gostaria de explicar a razão pela qual os reuni num livro.

Em primeiro lugar acredito que a maior parte deles tem alguma relevância para as pessoas que vivem a perplexidade do mundo moderno. Essa obra não pretende de modo algum ser

Tornar-se pessoa Ao leitor

X7

um livro de conselhos ou um manual do gênero ‘faça você mesmo’ - mas chegou ao meu conhecimento que os leitores desses artigos os achavam muitas vezes estimulantes e enriquecedores. Em alguma pequena medida eles deram à pessoa mais segurança para fazer e seguir as suas opções pessoais no empenho para ser o tipo de pessoa que gostaria de ser Assim, por essa razão, desejo que estes artigos estejam disponíveis para qualquer pessoa que possa vir a se interessar - como se diz, para o “leigo inteligente” - Era essa a minha intenção, tanto mais que todos os meus livros anteriormente publicados se destinavam aos psicólogos profissionais e nunca foram acessíveis àqueles que se encontravam fora desse grupo. Espero honestamente que muitas pessoas sem um interesse particular pelo campo do aconselhamento ou psicoterapia encontrem, nas descobertas feitas neste domínio, elementos que as fortaleçam na sua própria vida. Espero igualmente que muitas das pessoas que nunca procuraram aconselhamento sintam, ao lerem os excertos de entrevistas terapêuticas gravadas com os diversos clientes, que se tornaram sutilmente mais corajosas e confiantes em si mesmas, e que a compreensão das suas próprias dificuldades será facilitada se atravessarem, na sua imaginação e em seus pensamentos, as lutas de outros para a maturação’.

Outra razão que me impeliu a preparar esse livro foi o número crescente e a urgência dos pedidos por parte daqueles que já conhecem o meu ponto de vista sobre o aconselhamento psicológico, a psicoterapia e relações interpessoais. Essas pessoas exprimiram o desejo de poder dispor num volume mais acessível, do resultado dos meus trabalhos e das minhas reflexões mais recentes. Sentiam-se frustradas ao saber que existem artigos não publicados que não podem adquirir ou ao encontrarem artigos meus em revistas não disponíveis. Pedem que esse material seja reunido num só volume. Tal coisa envidedece muito um autot mas representa, igualmente, uma obrigação a que tentei corresponder Espero que lhes agrade a seleção que fiz.

Este volume foi elaborado em intenção dos psicólogos, psiquiatras, professores, educadores, psicólogos escolares, religiosos, assistentes sociais, fonoaudiólogos, chefes de empresa, especialistas em organização do trabalho, cientistas políticos, em intenção de todos aqueles que encontraram no meu trabalho uma relação direta com os seus problemas profissionais. É a eles que dedico, num sentido verdadeiro, esta minha obra.

Existe um outro motivo, mais complexo e pessoal: a busca de um público que ouvisse o que tinha para dizer Há dez anos que procurava uma solução para esse problema. Sei que falo apenas para uma minoria de psicólogos. A maior parte deles cujos interesses se podem indicar por termos tais como estímulo-resposta, teoria da aprendizagem, condicionamento operante - estão de tal maneira comprometidos em ver o indivíduo unicamente como um objeto, que aquilo que tenho para dizer os desorienta, se é que não os irrita. Sei também que falo apenas para um pequeno número de psiquiatras. Para muitos deles, talvez para a sua grande maioria, a verdade sobre a psicoterapia já foi proclamada há muito tempo por Freud e não estão interessados em novas possibilidades, além de desinteressados ou contrários a investigações neste campo. Sei igualmente que me dirijo a uma parte do grupo divergente dos que se intitulam a si mesmos “terapeutas” - A maior parte deste grupo interessa-se sobretudo por testes e medidas de previsão, e por métodos de orientação.

Por isso, sempre que se colocava a questão de publicar um dos meus artigos, sentia-me insatisfeito por apresentá-lo numa revista especializada em qualquer dessas áreas. Publiquei artigos em revistas desses diferentes campos, mas a maior parte dos meus escritos destes últimos anos amontoam-se em pilhas de manuscritos não-publicados que foram distribuídos particularmente em forma mimeografada. Eles simbolizam a minha incerteza sobre a maneira como atingir o público a que eu esteja me dirigindo.

Durante esse período, os editores de revistas mais ou menos especializadas, tendo ouvido falar de alguns desses arti

XXII

Tornar-se pessoa Ao leitor

XXIII

gos, pediram-me autorização para publicá-los. Acedi sempre a esse pedido, especificando no entanto que me reservava o direito de publicá-los mais tarde noutra parte. Por conseguinte, a maior parte dos artigos que escrevi durante os últimos dez anos, ou estão por publicar ou viram a luz do dia em revistas pouco divulgadas, especializadas ou obscuras.

Todavia, tomei agora a decisão de reunir essas reflexões num livro, de forma que atinjam o seu próprio público. Estou certo de que esse público se formará entre uma grande variedade de disciplinas, algumas bastante afastadas do meu domínio específico, como a filosofia e as ciências políticas. Creio, no entanto, que esse público terá uma certa unidade. Julgo que esses artigos se situam numa tendência que tem e que há de ter o seu impacto na psicologia, na psiquiatria, na filosofia e em outros campos. Hesito em rotular essa tendência, mas na minha mente ela está associada a adjetivos tais como fenomenológico, existencial, centrado na pessoa; a conceitos tais como auto-realização, vir-a-ser, maturação; a pessoas, neste país, tais como Gordon Allport, Abraham Maslow, Rollo May. Desse modo, e embora o público para o qual esse livro poderá ter significado provenha de diferentes disciplinas e tenha interesses muito diversos, o ofício comum pode ser sua preocupação a respeito da pessoa e do seu tornar-se num mundo moderno que parece procurar ignorá-la ou diminuí-la.

Há ainda uma última razão para publicar este livro, um motivo que tem para mim uma grande importância. Trata-se da grande, da desesperada necessidade do nosso tempo de adquirir o máximo de conhecimentos básicos e a maior competência possível para estudar as tensões que ocorrem nas relações humanas. O admirável progresso conseguido pelo homem, não apenas na imensidão do espaço como também na infinitude das partículas subatômicas, parece conduzir à destruição total do nosso universo, a menos que façamos grandes progressos na compreensão e no tratamento das tensões interpessoais e intergrupais. Sinto uma grande humildade quando penso no reduzido

conhecimentos que conseguimos neste campo. Espero o dia em que investiremos o equivalente ao custo de um ou dois mísseis na procura de uma compreensão mais adequada das relações humanas. Mas lamento com amargura que os conhecimentos que já alcançamos sejam pouco reconhecidos e pouco utilizados. Confio em que este livro deixe bem claro que já possuímos conhecimentos que, uma vez postos em prática, ajudariam a diminuir as tensões suscitadas nas relações inter-raciais, industriais e internacionais, que se manifestam no momento presente. Espero que se torne evidente que esses conhecimentos, aplicados preventivamente, poderão ajudar no desenvolvimento de pessoas maduras, não-defensivas e compreensivas que possam enfrentar de uma maneira construtiva as tensões que se lhes depararem no futuro. Se eu conseguisse tornar patentes, para um número significativo de pessoas, os recursos por utilizar dos conhecimentos já disponíveis no domínio das relações interpessoais, consideraria-me amplamente recompensado.

Estas foram as minhas razões para publicar este livro. Permitam-me concluir com alguns comentários sobre a sua natureza. Os artigos aqui reunidos representam os meus principais centros de interesse durante a década passada. Foram escritos com diferentes objetivos, normalmente para públicos diferentes ou simplesmente para minha satisfação pessoal. Escrevi para cada capítulo uma nota introdutória, que procura apresentar o seu conteúdo num contexto compreensível. Os artigos foram ordenados de forma a desenharem um tema único que vai se desenvolvendo, partindo dos problemas mais pessoais para o campo de um significado social mais amplo. Eliminei as repetições, mas, quando diversos artigos tratam do mesmo conceito de forma diferente, conservei muitas vezes essas “variações sobre um tema”, esperando que elas desempenhem a mesma função que desempenham na música, ou seja, que enriqueçam o sentido da melodia. Devido a terem sido trabalhados como artigos independentes, podem ser lidos isoladamente uns dos outros se o leitor assim o preferir

XXIV Tornar-se pessoa

Simplificando, o objetivo deste livro é o de compartilhar com vocês algo da minha experiência – alguma coisa de mim. Aqui está um pouco daquilo que experimentei na selva da vida moderna, no território amplamente inexplorado das relações pessoais. Aqui está o que vi. Aqui está aquilo em que vim a acreditar. Foi essa forma como tentei verificar e pôr

á prova aquilo em que acreditava. Aqui estão algumas das perplexidades, questões, inquietações e incertezas que tive de enfrentar Espero que o leitor possa encontrar, neste livro que lhe é dedicado, algo que lhe diga respeito.

Departamentos de Psicologia e Psiquiatria

Universidade de Wisconsin

Abril de 1961

Índice

Introdução IX

Ao leitor XIX

Primeira Parte

Notas pessoais

1. 'Este sou eu 3

Segunda Parte

Como poderei ajudar os outros?

2. Algumas hipóteses com relação à facilitação do crescimento pessoal 35

3. As características de uma relação de ajuda 45

4. O que sabemos da psicoterapia objetiva e subjetivamente 69

Terceira Parte

O processo de tornar-se pessoa

5. Algumas direções do processo terapêutico 85

6. O que significa tornar-se pessoa 121 **Sétima Parte**

7. A psicoterapia considerada como um processo 141 **As ciências do comportamento e a pessoa**

Quarta Parte 20. O poder crescente das ciências comportamentais 421

Uma filosofia da pessoa 2]. O lugar do indivíduo no mundo novo das ciências do comportamento 447

8. "Ser o que realmente se é - os objetivos pessoais vis to

por um terapeuta 185 **Apêndice. Bibliografia cronológica das publicações de**

9. A visão de um terapeuta sobre a vida boa: a pessoa em Carl R. Rogers, 1930-1960 (inclusive) 469
pleno funcionamento 209

Referências 479

Notas 483

Quinta Parte

A observação dos fatos: o papel da investigação em psicoterapia

10. Pessoa ou ciência? Um problema filosófico 227

11. A modificação da personalidade em psicoterapia 257

12. A terapia centrada no cliente no seu contexto de investigação 279

Sexta Parte

Quais são as implicações para a vida?

13. Rejeições pessoais sobre ensino e aprendizagem 315

14. A aprendizagem significativa: na terapia e na educação 321

15. O ensino centrado no aluno conforme experienciado por um participante 343

16. As implicações para a vida familiar da terapia centrada no cliente 363

17. O tratamento das perturbações na comunicação interpessoa/e intergrupos 381

18. Uma formulação provisória de uma lei geral das relações interpessoais 391

19. Para uma teoria da criatividade 403

Introdução

A publicação, em 1961, de *Tornar-se pessoa* trouxe a Carl Rogers um inesperado reconhecimento nacional. Pesquisador e clínico, Rogers acreditava que estava se dirigindo a psicoterapeutas e somente após este fato descobriu que “estava escrevendo para *peessoas* –enfermeiras, donas de casa, pessoas do mundo dos negócios, padres, ministros, professores, juventude”. O livro vendeu milhões de cópias quando milhões constituíam um número raro em publicações. Rogers foi, para a década que se seguiu, O Psicólogo da América, passível de ser consultado pela imprensa sobre qualquer questão relativa à mente, desde a criatividade até o autoconhecimento, ou o caráter nacional.

Certas idéias que Rogers defendia se tornaram tão amplamente aceitas que é difícil lembrarmos quão novas, mesmos revolucionárias elas eram em seu tempo. A psicanálise freudiana, o modelo prevalecente da mente na metade do século, afirmava que os impulsos humanos sexo e agressão –eram inerentemente egoístas, custosa e arduamente reprimidos pelas forças da cultura. A cura, no modelo freudiano, se dava por meio de uma relação que frustrava o paciente, fomentando a angústia necessária para que o paciente aceitasse as difíceis verdades do analista. Rogers, em oposição, acreditava que as pessoas neces

X

Tornar-se pessoa Introdução

XI

sitam de uma relação na qual são aceitas. As habilidades que o terapeuta rogeriano utiliza são a empatia –uma palavra que no tempo de Freud estava em grande parte restrita aos sentimentos que um observador conferia a uma obra de arte –e a “consideração positiva incondicional”.

Rogers pronunciou sua hipótese central em uma sentença:

“Se posso proporcionar um certo tipo de relação, o outro descobrirá dentro de si mesmo a capacidade de utilizar aquela relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão.” Por crescimento, Rogers entendia movimento na direção da auto-estima, flexibilidade, respeito por si e pelos outros. Para Rogers, o homem é “incorrivelmente socializado em seus desejos”. Ou, como Rogers coloca o problema repetidamente, quando o homem é mais plenamente homem, ele é merecedor de confiança.

Rogers foi, na classificação de Isaiah Berlin, um porco- espinho: Ele sabia uma coisa, mas o sabia tão bem que poderia fazer disso um mundo. De Rogers vem nossa ênfase contemporânea na auto-estima e seu poder de mobilizar outras forças de uma pessoa. A noção de Rogers de aceitação como a força liberadora última implica que as pessoas que não estão doentes podem se beneficiar da terapia e os não-profissionais podem agir como terapeutas; o grupo de auto-ajuda moderno provém quase que diretamente do movimento de Rogers do potencial humano. A idéia de que o casamento, como a terapia, depende da autenticidade e empatia é basicamente Carl Rogers. É Rogers, muito mais do que Benjamin Spock, que advoga uma relação não diretiva de pais e professores com as crianças.

É irônico o fato de que, enquanto as idéias de Rogers estão em ascensão –tanto é assim que agora são atacadas como poderosas suposições culturais que necessitam ser revistas –seus escritos estejam caindo no esquecimento. Isto é uma pena, pois uma cultura deveria saber de onde suas crenças se originam e por que os escritos de Rogers permanecem lúcidos, fascinantes e acessíveis.

Certamente as idéias de Rogers prevalecem dentro das profissões de saúde mental. A escola de psicanálise de ponta atualmente é chamada de “psicologia do *self*”, um nome que Rogers poderia ter cunhado. Como a terapia centrada no cliente, que Rogers desenvolveu na década de 40, a psicologia do *self* entende a relação, mais do que o *insight*, como sendo central à mudança; e como a psicoterapia centrada no cliente, a psicologia do *self* sustém que o nível ótimo de frustração deva ser “o menor possível”. A postura terapêutica em psicologia do *self* não podia estar mais próxima à consideração positiva incondicional. Porém, a psicologia do *self*— fundada em Chicago, quando Rogers era lá uma figura proeminente –não lhe conferiu nenhuma palavra de crédito.

A explicação para isto muito tem a ver com a pessoa de Rogers. Mais americano do que europeu, de educação mais rural do que urbana (ele nasceu em Chicago mas se mudou para o campo aos doze anos de idade e disse

que seu respeito pelo método experimental proveio de sua leitura, na adolescência, de um texto longo intitulado *Feeds and Feeding* (Alimentos e Alimentação), nativo do meio-oeste americano mais do que do leste, animado mais do que melancólico, acessível e aberto, Rogers não exibia nada da complexidade obscura dos intelectuais do pós-guerra. A abertura de Rogers – em um sentido importante *Tornar-se pessoa* não necessita de introdução, já que Rogers se apresenta em um ensaio exatamente intitulado “Este sou Eu” — contrasta com a postura defendida por seus colegas, que acreditavam que o terapeuta deve se apresentar como uma lousa em branco. A opinião predominante era de que Rogers poderia ser repudiado pois não era sério. Esta opinião esconde e revela uma visão estreita do que é sério ou intelectual. Rogers era um professor de universidade e um douto amplamente publicado, tendo a seu crédito dezesseis livros e mais de duzentos artigos. O próprio sucesso de *Tornar-se pessoa* pode ter prejudicado a reputação acadêmica de Rogers; ele era conhecido pela argumentação direta e simplicidade

XII

Tornar-se pessoa Introdução

XIII

destes ensaios, e não pela complexidade dos artigos teóricos mais técnicos escritos no mesmo período. Porém, mesmo em *Tornar-se pessoa*, Rogers situa suas idéias em um contexto histórico e social, aludindo à psicologia social contemporânea, à etologia animal e à teoria das comunicações e dos sistemas gerais. Ele localiza sua herança cultural na filosofia existencial, referindo-se mais freqüentemente a Soren Kierkegaard (do qual empresta a frase “ser o eu que verdadeiramente se é”, que constitui a resposta de Rogers à pergunta “Qual é a meta da vida?”) e Martin Buber. E Rogers vivenciou uma carreira movimentada como um intelectual público, participando de debates e se correspondendo abertamente com figuras como Buber, Paul Tillich, Michael Polanyi, Gregory Bateson, Hans Hofman e Rollo May.

Mais do que a maioria de seus colegas, Rogers era um cientista empenhado que adotava uma avaliação empírica da psicoterapia. Já na década de 40, e antes que qualquer um na área, Rogers gravava sessões de psicoterapia para fins de pesquisa. É o primeiro inventor de uma psicoterapia a definir sua abordagem em termos operacionais, enumerando seis condições necessárias e suficientes (paciente envolvido, terapeuta empático, etc) para a mudança constitutiva da personalidade. Desenvolveu medidas confiáveis, promovendo e publicando apreciações de suas hipóteses. Rogers estava empenhado em desenvolver uma avaliação do processo: O que ajuda as pessoas a mudarem? Sua pesquisa, e aquela de seus colaboradores científicos, conduziu a resultados constrangedores para a comunidade psicanalítica. Por exemplo, um estudo de trechos de sessões de terapia, constatou que em resposta ao esclarecimento e interpretação – as ferramentas da psicanálise – os clientes tipicamente abandonam a auto-exploração; somente o reflexo de sentimentos pelo terapeuta conduz diretamente a uma maior exploração e a um novo *insight*.

Rogers, em outras palavras, dirigiu um esforço intelectual substancial a serviço de uma simples crença: Seres humanos

necessitam de aceitação, e quando esta lhes é dada movem-se em direção à “auto-realização”. Os corolários desta hipótese eram evidentes para Rogers e seus contemporâneos. A construção complexa da psicanálise é desnecessária – a transferência pode bem existir, porém explorá-la se mostra improdutivo. Uma postura pedante e distante, aquela assumida por muitos psicanalistas da metade do século, é certamente contraterapêutica. A autoconsciência e a presença humana do terapeuta é mais importante do que o treinamento técnico do mesmo. E a fronteira entre a psicoterapia e a vida comum é necessariamente tênue. Se a aceitação, a empatia e a consideração positiva constituem as condições necessárias e suficientes para o crescimento humano, então elas devem da mesma forma estar presentes nas relações de ensino, amizade e da vida familiar.

Essas idéias ofendiam um certo número de comunidades – psicanalíticas, educacionais, religiosas. Porém, eram bem recebidas por um amplo segmento do público. Elas estavam presentes no diálogo popular da década de 60 – muitas das exigências dos manifestantes universitários dos anos 60 se fundamentavam implicitamente nas crenças de Rogers sobre a natureza humana – e ajudaram a definir nossas instituições para o restante do século.

Antes de ser rejeitado e esquecido, Rogers foi atacado numa série de campos determinados. Revisões da literatura de pesquisa mostravam que a necessidade e a suficiência de suas seis condições eram difíceis de provar, embora a evidência favorecendo uma postura presente e empática por parte do terapeuta permanecesse forte. A noção de Rogers de que terapeuta e cliente podem se colocar à mesma altura foi desafiada posteriormente por Martin Buber e mais recentemente por um contencioso crítico da psicoterapia, Jeffrey Masson. (Em um pequeno e adorável livro intitulado simplesmente *Cari Rogers* [London, Sage Publications, 1992], Brian Thorne revisa e, com certo sucesso, rebate essas críticas.). À medida que nos distan-

XIV

Tornar-se pessoa Introdução

XV

ciamos de Rogers, as críticas parecem cada vez mais irrelevantes. O que Rogers proporciona – o que todos os grandes terapeutas proporcionam – é uma visão única.

É claro que a teoria psicanalítica do homem da metade do século era incompleta. Freud e, mais completamente, Melanie Klein, a fundadora de uma escola de psicanálise que teve uma enorme influência sobre as visões modernas das relações humanas intensas, captou o lado obscuro da humanidade, a parte de nossa herança animal que inclui a violência e a sexualidade competitiva relacionadas com a luta pela dominância hierárquica. Eles ignoravam uma estratégia reprodutiva que coexiste com a dominância da hierarquia e é também fortemente codificada em genes e cultura: reciprocidade e altruísmo. Os teóricos da etologia animal e da biologia evolutiva hoje concordariam com a tese de Rogers de que quando um ser humano é adequadamente aceito, o que tende a predominar são estes últimos traços.

Buber – não só um filósofo religioso mas um aluno de Eugen Bleuler, o grande psiquiatra descritivo alemão – tinha sem dúvida justificativas para seu ceticismo diante da proposição de Rogers de que o homem, doente ou não, é merecedor de confiança. Mas Freud, Klein e Buber estavam totalmente enredados nas perspectivas do Velho Mundo. O otimismo inexorável de Rogers talvez seja melhor considerado como uma das muitas tentativas interessantes de se trazer à psicoterapia o sabor do Mundo Novo.

Em seu esforço Rogers teve muitos colegas. Harry Stack Sullivan acrescentou várias facetas à psicanálise: a atenção à influência do amigo no desenvolvimento infantil; a exploração do ambiente social particular do paciente; e o uso ativo do eu do terapeuta para bloquear as projeções características dos pacientes. Murray Bowen desviou a atenção da família do paciente na infância (a constelação de Edipo) voltando-a para a família atual, e liberou o terapeuta para agir como uma espécie de monitor no esforço do paciente em encontrar seu lugar dentro da estrutura rígida da família. Milton Erickson reviveu técnicas hipnóticas e

as utilizou de modo travesso, tornando o terapeuta um manipulador-mestre que lança o paciente em direção a impasses de seu desenvolvimento. Carl Whitaker enfatizou o estorvo da teoria na prática clínica, exigindo do terapeuta tanto uma presença existencial quanto uma consciência dos costumes da família local. A esta lista poderíamos acrescentar os nomes de imigrantes – Erich Fromm, Victor Frankl, Hellmuth Kaiser, Erik Erikson, Heinz Kohut – cujos trabalhos assumiram um feitiço decididamente americano, livre e experimental e socialmente consciente.

Embora rejeite a premissa puritana do pecado original, Rogers – ao se preocupar em compreender o outro como um indivíduo livre, ao colocar o foco em sua própria autenticidade e presença ativa, ao confiar no potencial positivo de cada cliente

– cria uma visão terapêutica do homem que se conforma a aspectos importantes do espírito e crenças americanos. A premissa central de Rogers é a de que as pessoas são inerentemente plenas de recursos. Para Rogers, o pecado cardeal em terapia, ou no ensino e vida familiar, é a imposição da autoridade. Igualitário radical, Rogers vê os indivíduos como capazes de autodireção sem consideração à sabedoria recebida e fora de organizações como a igreja ou a academia. Apesar de ter suas origens na relação de ajuda, a filosofia de Rogers se fundamenta em Thoreau e Emerson, na primazia da autoconfiança.

Ao adotarem Rogers, os americanos se deram conta de importantes partes de si mesmos – partes em relação às quais, contudo, a nação permanece ambivalente. O individualismo implicaria uma exploração nova de valores por cada pessoa em cada nova geração, ou o individualismo deve estar ligado às tradições fixas e uma visão do

homem como egoísta e competitivo? Ao retornarem a currículos estabelecidos e valores ortodoxos, os conservadores hoje atacam não somente Rogers mas também uma importante tendência do humanismo americano. É talvez devido à essência americana de Rogers que este é muito mais respeitado –compreendido como uma voz distinta, ensinado com seriedade –em dezenas de países fora dos Estados Unidos.

xv’

Tornar-se pessoa Introdução

XVII

A voz de Rogers –afetuosa, entusiasta, confiante, preocupada –é o que articula os ensaios díspares em *Tornar-se pessoa*. Encontramos um homem tentando pacientemente, porém com todos os recursos a seu comando, ouvir os outros e si mesmo. Essa escuta atenta está a serviço tanto da questão individual quanto da grande questão, o que significa tomar-se pessoa. Ao descrever clientes, Rogers assume a linguagem e prosódia do existencialismo. A respeito de um homem que luta, Rogers escreve: “Naquele momento ele não é nada mais do que sua súplica, por todo o tempo... Pois naquele momento ele é sua dependência, de uma maneira que o assombra.”

Qualquer idéia de que Rogers não é sério, consciente da fragilidade humana, intelectual deve se dissolver em resposta às transcrições de seu esmerado trabalho clínico. Rogers faz aquilo que foi satirizado por gerações de estudantes de psicologia, a saber, repetir as palavras dos clientes. Porém também sintetiza os sentimentos dos clientes com precisão, beleza de expressão e cautela generosa. E também exhibe uma grande habilidade em aceitar os outros.

Em sua quinta sessão de psicoterapia com Rogers, a Sra. Oak, uma dona de casa perturbada, se vê cantando um “tipo de canção sem qualquer música”. A síntese que Rogers faz de sua seqüência de sentimentos leva a Sra. Oak a ampliar experiências interiores e explorar sua metáfora. Ouvimos uma pessoa tentando se apoderar de uma autenticidade indecifrável, denegrindo seus próprios pensamentos: “E então parece existir somente esse fluxo de palavras que de alguma forma não são voluntárias e então, ocasionalmente, esta dúvida brota. Bem, é como se ela tomasse a forma de uma, talvez você esteja somente fazendo música.” Como todos os seres humanos, no esquema de Rogers, a Sra. Oak começa como que afastada do eu; com a aceitação ela removerá fachadas e alcançará a realização. Em sua nona sessão, a Sra. Oak revela, de uma maneira constrangida, uma forma limitada de autoconfiança: “Tenho tido o que vim a chamar para mim mesma, ou a dizer para mim mesma,

como sendo ‘lampejos de sanidade’ ... É somente um sentimento ocasional de me achar um tipo de pessoa completa em um tipo de mundo terrivelmente caótico.” Porém ela não pode revelar este eu confiante aos outros. Rogers imediatamente relembra a sessão anterior: “Um sentimento de que não seria *seguro* falar sobre a canção que você... Quase como se não houvesse lugar para que tal pessoa existisse”. Esta sensibilidade com relação ao outro constitui uma arte elevada, embora seja difícil saber se Rogers está capturando a melodia interior do cliente ou fornecendo uma de sua própria composição.

Esta ambigüidade permanece com relação ao trabalho clínico de Rogers: Ele meramente, como defendia, aceitava o outro, ou proporcionava partes de seu próprio eu bem diferenciado? O que é inequívoco, conforme vemos Rogers hoje, é sua contribuição extensiva à cultura contemporânea, ao nosso sentido de quem somos. É um prazer encontrá-lo novamente, e ter acesso uma vez mais à sua música.

Peter D. Kramer M.D.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

